

O FENÔMENO DA DEGEMINAÇÃO NA FALA DE CRIANÇAS EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM¹

Denise Nauderer Hogetop²

Marivone Faturi Vacari³

Tatiana Keller³

Regina Ritter Lamprecht³

dhogetop@terra.com.br

marivonevacari@hotmail.com

kellertatiana@yahoo.com

relamprecht@pucrs.br

RESUMO: Neste artigo, investigamos a aplicação de degeminação na fala de 14 crianças da cidade de Porto Alegre/ RS com idades entre 1:6 e 4:0 anos. Verificamos a aplicação da regra de degeminação por essas crianças. Analisamos a realização desse fenômeno em seqüências de vogais átonas seguidas de átonas, tônicas seguidas por átonas e átonas seguidas por tônicas, no âmbito da fonética e da fonologia. A metodologia consiste na audição da fala de oito crianças na faixa etária 1:6 a 2:3 pertencentes aos bancos de dados INIFONO e AQUIFONO do CEAAL da PUCRS e coleta da fala de seis crianças na faixa etária 2:4 a 4:0 através de um instrumento elaborado pelas autoras com base em Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991). Nossos resultados mostram que as crianças, em geral, realizaram o fenômeno em estudo quando houve contexto de aplicação.

PALAVRAS-CHAVE: Degeminação; prosódia; aquisição da linguagem.

INTRODUÇÃO

A degeminação é a fusão de duas vogais de igual qualidade em seqüência VV, na qual a primeira vogal é final da primeira palavra e a segunda vogal é o início da

¹ Agradecemos à Dra Leda Bisol os comentários e sugestões. Os erros que permanecem são de nossa inteira responsabilidade.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS / CAPES.

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS / CNPq.

palavra seguinte, por exemplo, ‘calça amarela’ [kawsamarela]. Neste estudo investigamos a aplicação deste fenômeno na fala de 14 crianças da cidade de Porto Alegre/ RS com idades entre 1:6 e 4:0 anos. Tomamos por base os estudos da Teoria Prosódica (Nespor e Vogel, 1986) e da Fonologia Rítmica (Nespor, 1993) e os estudos de sândi externo em português brasileiro (Bisol, 1996a, 1996b, 2003); Scarpa (1999); Komatsu e Santos (2005) e Santos (2006).

A pesquisa de Santos (2006) verificou que as crianças a partir de 3:6 anos aplicam regras de sândi (degeminação, elisão e ditongação) de maneira estável. No entanto, os resultados desse estudo indicam que as crianças por volta dos 2:0 anos já aplicam a regra de degeminação em sua fala de maneira categórica no contexto vogal átona seguida por outra vogal átona, o que evidencia que esse contexto é o mais favorável para a aplicação da regra, fato já verificado por Bisol (op. cit) na fala adulta.

Além disso, os resultados de nosso estudo parecem mostrar que as crianças possuem noções rítmicas da língua tão logo começam a produzir uma frase fonológica constituída por duas palavras fonológicas (‘bola azul’). Ao investigar a ocorrência de degeminação no nível frasal, esse estudo contribui para uma análise do ritmo na fala de crianças em processo de aquisição da linguagem.

Neste trabalho, procuramos verificar a aplicação da regra de degeminação por crianças falantes do PB em seqüências de vogais átonas seguidas de átonas, tônicas seguidas por átonas e átonas seguidas por tônicas.

O presente artigo se organiza da seguinte maneira: na seção 1, introduzimos o tema; na seção 2, apresentamos nossas bases teóricas; na seção 3, descrevemos a metodologia utilizada; na seção 4, analisamos os dados no âmbito da fonética e da fonologia; na seção 5, encerramos com as considerações finais.

1. BASES TEÓRICAS

Nesse estudo, tomamos como ponto de partida a análise de Bisol (op. cit) sobre a realização de sândi externo (degeminação, elisão e ditongação) por falantes adultos do português brasileiro (PB). A autora considera as manifestações de sândi um processo de

ressilabação⁴, o qual não se aplica somente no nível da palavra, mas também no nível da frase para converter certas codas em ataques ou para ressilabar segmentos que, por diferentes motivos, venham a perder seu status prosódico. É o que ocorre no exemplo abaixo:

(1) cami[za a]marela – cami[za]marela

A ressilabação consiste em agregar consoantes em torno de picos de sonoridades, que projetam sílabas. Esses picos, em português, são necessariamente vogais.

Entendendo-se a degeminação como um processo de ressilabificação, é importante notar que os princípios de silabação, como o Princípio de Seqüenciamento de Sonoridade (PSS – Clements, 1990) e o Princípio de Licenciamento Prosódico (PLP – Itô, 1986) estão atuantes. O PSS controla o pico da sílaba como o elemento relativamente mais sonoro e o PLP exige a incorporação de todos os segmentos à sílaba. Esses princípios atuam também na ressilabação, no nível pós-lexical, desde que pausa e vogal com acento principal não interfiram.

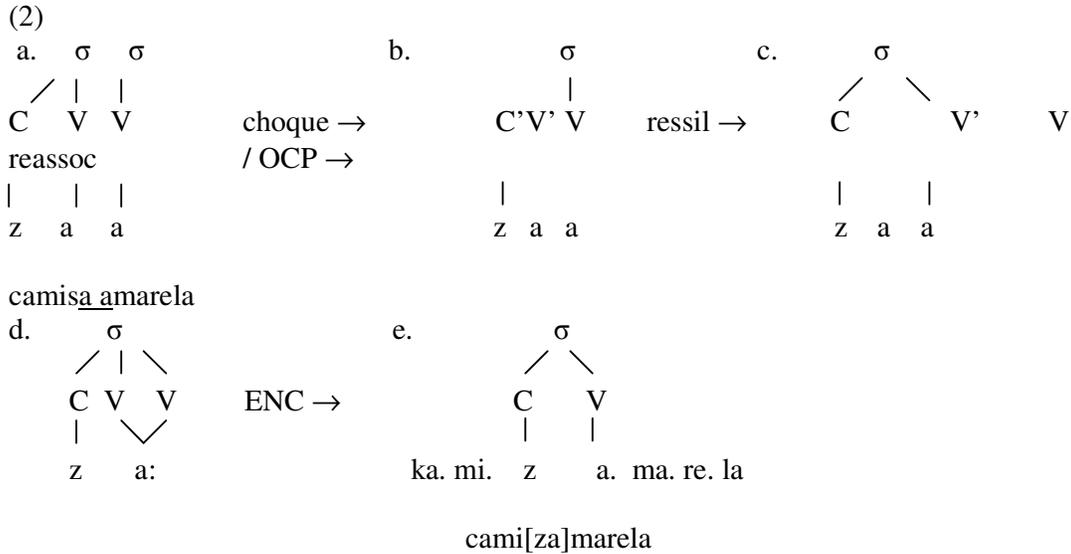
Quando temos duas palavras em uma seqüência em que a primeira acaba em vogal e a outra começa por vogal, se essas vogais não estiverem protegidas por acento ou pausa, ocorre o choque silábico ocasionando o desligamento da última vogal da primeira palavra e, conseqüentemente, da sílaba que a domina. De acordo com Bisol, o elemento que é desassociado é o prosodicamente mais fraco, independentemente de sua categoria. Dessa forma, quando há a combinação de uma sílaba átona final, a mais fraca de todas, com uma átona pretônica, é a primeira que, por sua condição de mais fraca, desaparece.

A sílaba portadora da vogal que é apagada fica sem núcleo e, por ressilabação, é incorporada à primeira sílaba da palavra seguinte. Desta forma, as duas vogais ficam juntas na rima e passam a ter apenas uma representação no nível melódico, pois a seqüência de vogais idênticas é proibida pelo Princípio do Contorno Obrigatório (OCP). Esse princípio, formulado por Leben (1973), afirma que, quando dois tons idênticos estão associados a vogais adjacentes, o tom mais à direita é apagado e o tom da esquerda é associado a vogais livres. O OCP foi estendido à análise de segmentos por

⁴ Uma análise aprofundada da constituição silábica do PB encontra-se em Bisol (1999).

McCarthy (1986) que mostra que, no nível melódico, segmentos idênticos adjacentes são proibidos.

O exemplo ‘camisa amarela’, na representação 2, ilustra o descrito acima.



A representação (2a) apresenta o choque entre duas vogais iguais; em (2b), este choque faz com que a última sílaba da primeira palavra ([za] – de ‘camisa’) seja desassociada de seu nó silábico; em (2c), essa sílaba reassocia-se à primeira sílaba da palavra seguinte e, em função do OCP, as duas vogais se fundem e passam a ocupar duas posições no tier melódico, ou seja, formam uma vogal longa. No entanto, não existem vogais longas no PB e por uma regra de encurtamento tem-se uma vogal simples, como vemos em (2e).

Antes de prosseguir à análise, apresentamos alguns pressupostos relevantes da Teoria Prosódica (Nespor e Vogel, 1986).

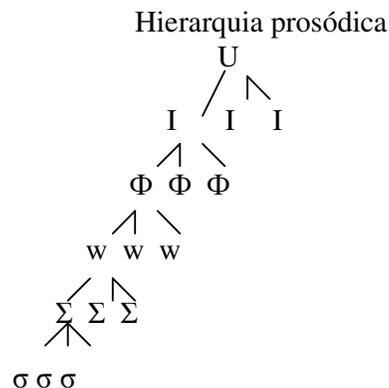
Em termos gerais, Nespor (1990, p. 374) assim define a teoria: a fonologia prosódica é uma teoria da organização de um enunciado em unidades fonológicas hierarquicamente organizadas⁵, cujo objetivo é a interpretação sonora dos segmentos gerados por componentes morfológicos e sintáticos.

De acordo com essa teoria, todo constituinte pressupõe um cabeça e um ou mais dominados. Porém, os constituintes fonológicos e os sintáticos e / ou morfológicos têm as suas próprias regras.

⁵ “Prosodic Phonology is a theory of the organization of an utterance into hierarchically organized phonological units.”

Nespor e Vogel (1986, p. 11) estabelecem sete unidades da hierarquia prosódica em um escala de domínios fonológicos que vai do menor constituinte prosódico ao maior, os quais constituem os domínios de aplicação das regras fonológicas: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (w), grupo clítico (C), frase fonológica (Φ), frase entonacional (I) e enunciado (U). A representação adaptada dessa hierarquia está em (3):

(3)



Para a análise de nossos dados, além de Bisol (1996a, 1996b, 2003) e Nespor e Vogel (1986), lançamos mão de estudos no PB que tratam do sândi na fala de crianças em processo de aquisição como os de Scarpa (1999), Komatsu e Santos (2005), Santos (2006).

Scarpa (1999) e Galves, Abaurre e Scarpa (1999) apontam que crianças falantes do PB por volta de 2 anos de idade já usam a degeminação e a elisão. As autoras observam, também, que os dados das crianças mostram instabilidade na aplicação de regras de sândi e interpretam esse fato como evidência de que, embora as crianças já dominem o acento frasal, elas ainda estejam adquirindo níveis mais baixos da hierarquia prosódica, qual seja, o pé.

Komatsu e Santos (2005) distinguem três estágios na aquisição de regras de sândi. O estágio I engloba a faixa etária de 1:6 a 2:6. Nesse estágio, verifica-se que a aplicação do fenômeno de sândi é instável. No estágio II, a partir dos 3 anos, as regras pesquisadas são ainda instáveis e são algumas vezes usadas de forma diferente dos adultos. No estágio III, a partir de 3:6, as regras são semelhantes à forma adulta.

Santos (2006), através de um estudo longitudinal analisou os processos de sândi externo, elisão, ditongação e degeminação na fala de uma criança na faixa etária de 1:8

a 3:6. Nesse estudo, a autora verificou que tais processos não são adquiridos simultaneamente e que as exigências prosódicas das regras são as primeiras a serem satisfeitas. Além disso, a pesquisa mostrou que a aquisição das regras de sândi depende da aquisição de estruturas silábicas.

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, analisamos a fala coletada transversalmente de oito crianças na faixa etária 1:6 a 2:3 (Bruna, Caroline, Ivan, Itiane, Ana Clara, Isabela, Gabriela, Gabriel) pertencentes aos bancos de dados INIFONO e AQUIFONO do CEAAL⁶ da PUCRS. Coletamos também a fala de seis crianças na faixa etária 2:4 a 4:0 (Manuela, Luiza, Catarina, Rafaela, Eric, Renata) através de um instrumento elaborado pelas autoras com base em Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991). Esse instrumento propiciou a nomeação espontânea da amostra lingüística esperada para avaliar o fenômeno pesquisado. Em alguns casos, foi necessária a produção do nome dos objetos, seres e suas características pela pesquisadora com o objetivo de solicitar à criança uma posterior produção dos mesmos.

A amostra foi gravada e, em outro momento, transcrita por uma das autoras deste estudo. Nos casos de dúvida, a transcrição foi revisada por outra das autoras.

2.1 INSTRUMENTO

Nosso instrumento de pesquisa foi baseado em Yavas, Hernandorena & Lamprecht (1991) e consistiu em uma figura com um contexto representando uma festa de aniversário. Nessa figura tínhamos os seguintes elementos:

- 1) bolo de aniversário;
- 2) mesa com o bolo e outros doces;
- 3) vela acesa em cima do bolo;
- 4) brinquedos no chão (presentes de aniversário);
- 5) crianças em volta da mesa;
- 6) porta aberta da sala;

⁶ CEAAL - Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem.

- 7) sofá azul num canto da sala;
- 8) gata amarela em frente à porta.

Durante a coleta dos dados, as pesquisadoras solicitaram à criança que descrevesse tudo o que observava na figura. A partir disso esperava-se que a criança produzisse frases que contivessem o fenômeno em análise.

Não foi possível obter todas as frases esperadas através de nomeação espontânea. Em virtude disso, as pesquisadoras utilizaram também o método de imitação retardada com as crianças.

Como já referido, Bisol (1996) analisou a aplicação de regras de sândi externo em falantes adultos do PB. Segundo Bisol, quando ocorre o encontro de duas vogais iguais, uma em final e a outra em início de palavra, sendo a segunda átona, a degeminação ocorre livremente, como vemos no exemplo abaixo:

(4) Lâmpada amarela > Lâmpa [da] marela

Com o objetivo de testarmos tal afirmação, elaboramos as frases para o instrumento em que ocorrem duas vogais átonas em seqüência.

- 1) vela acesa – ve [la] cesa
- 2) bola azul – bo [la] zul
- 3) camisa azul – cami [za] zul
- 4) porta aberta – por [ta] berta
- 5) calça amarela – cal [sa] marela
- 6) gata amarela – ga [ta] marela

Ainda de acordo com a autora, quando ocorre o encontro de uma vogal tônica em final e outra átona em início de palavra, a degeminação é opcional, por exemplo:

(5) Araçá azedo > ara [sa] zedo ou araçá azedo

Além disso, quando o inverso ocorre, isto é, uma vogal átona fica adjacente a uma vogal tônica, a degeminação é bloqueada, por exemplo:

(6) como uvas - * co[mu]vas

Com o objetivo de comprovar ou não essas afirmações, propomos as seguintes frases:

- 1) sofá azul – so [fa] zul (vogal tônica + átona)
- 2) meninaa alta – *meni [nal] ta (sem aplicação) (vogal átona + tônica)

Em resumo, as frases que fazem parte do corpus de nossa pesquisa estão listadas em 7:

(7)

- 1) velaa acesa – vogal átona + vogal átona
- 2) bolaa azul – vogal átona + vogal átona
- 3) camisaa azul – vogal átona + vogal átona
- 4) portaa aberta – vogal átona + vogal átona
- 5) calçaa amarela – vogal átona + vogal átona
- 6) gataa amarela – vogal átona + vogal átona
- 7) meninaa alta – vogal átona + vogal tônica
- 8) sofá azul – vogal tônica + vogal átona

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta análise, levamos em conta aspectos fonológicos e fonéticos. No que diz respeito à fonologia, verificamos a realização de degeminação nos contextos lingüísticos vogal átona + átona (VA+VA), vogal tônica + átona (VT+VA) e vogal átona + tônica (VA+VT)⁷. Com relação à fonética, utilizamos o programa Praat para analisar uma parte da amostra.

3.1 ANÁLISE FONOLÓGICA

Nossa análise teve início com crianças na faixa etária 1:6, no entanto, apenas constatamos a aplicação do fenômeno em estudo em crianças a partir de 1:10. Vidor (2006) e Jardim-Azambuja (2006), em suas teses em elaboração, também verificaram

⁷ No contexto vogal tônica + vogal tônica (VT+VT), segundo Bisol, não ocorre degeminação.

através de consulta informal que não há ocorrência da degeminação em seus dados antes de 1:10. É importante salientar que os dados ora apresentados referem-se à variedade do PB falada na cidade de Porto Alegre, portanto, as constatações dessa pesquisa restringem-se a esse *corpus*.

A proposta inicial deste trabalho era investigar a incidência da degeminação em seqüências de vogal átona + vogal átona (VA + VA), vogal tônica + vogal átona (VT + VA) e vogal átona + vogal tônica (VA + VT). Lembramos que os dois primeiros contextos são favoráveis para a aplicação da regra, ao passo que o terceiro (VA + VT) a bloqueia, no caso do acento de palavra coincidir com o principal (acento de frase fonológica).

As crianças desta amostra realizaram degeminação no contexto VA + VA sem pausa entre as palavras e também no contexto VT + VA. Todavia, não encontramos a seqüência VA + VT nos dados, como na frase ‘menina alta’.

Sendo assim, tratamos a seguir dos contextos em que a regra foi aplicada.

3.1.1 SEQÜÊNCIA VA + VA

Observamos que as frases (1) a (25) apresentam aplicação da regra em seqüências de duas vogais átonas.

Isabela 1:10

(1) Essa aqui pequena [ɛsakí pikéna]⁸

Ana Clara 1:10

(2) Esse elefante [eʃifántʃi]

(3) Na areia [naréja]

Ivan 1:11

⁸ A transcrição fonética dos dados foi realizada com o objetivo de mostrar o fenômeno em estudo, portanto não nos detivemos em aspectos fonéticos mais refinados. Note-se que o acento principal está representado pelo acento agudo (´) e o acento secundário pelo grave (˘). Lembramos que palavras gramaticais facilmente perdem seus acentos. Por isso, em nossas transcrições somente palavras lexicais recebem acento secundário.

(4) Gruda aí [gudaí]

(5) Agora acabou [agɔlakabó]

(6) Agora acabou [agɔlakabó]

(7) A bruxa ali [a buʃalí]

(8) Gruda ali [gudaí]

Itiane 2:0

(9) Dá pra abrir [da pabí]

(10) Olha aqui [ɔjakí]

(11) Bota aqui [bɔtakí]

Isabela 2:3

(12) Olha aqui [ɔjakí]

(13) A bruxa não quer que ela fique [a búsa não kekεja fiki]

Catarina 2:4

(14) To se escondendo [to siskōndéndu]

(15) É uma azul [εumazúw]

(16) Uma bola azul [uma bɔlazúw]

(17) Uma saia amarela [uma sajamalεla]

Manuela 2:5

(18) Uma saia amarela [uma sajamajεla]

(19) Uma bola azul [uma bɔlazúw]

Renata 2:7

(20) Uma gata amarela [uma gatamalεla]

(21) Bola azul [bɔjazúw]

(22) Uma saia amarela [uma sajamalεla]

(23) Uma camisa azul [uma camizazúw]

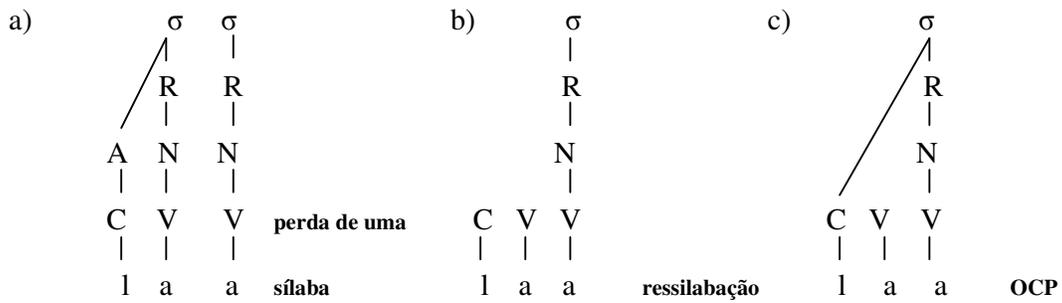
Rafaela 4:0

(24) É uma gata amarela [uma gatamalεa]

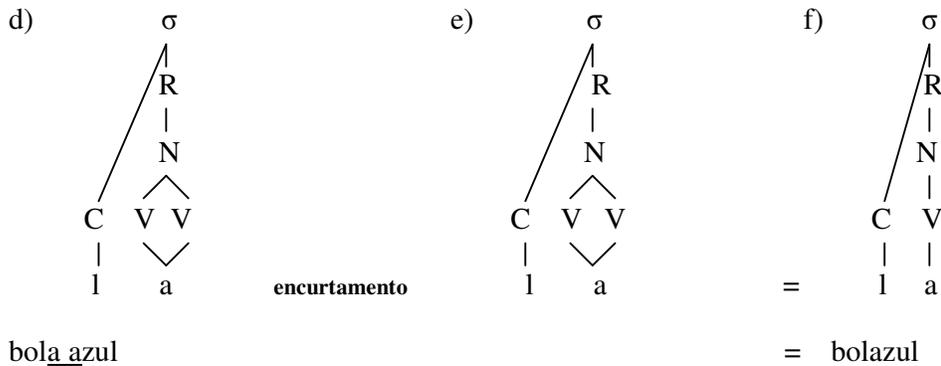
(25) Uma azul [umazúw]

A figura (8) ilustra o contexto privilegiado para a degeminação na fala das crianças.

(8)



bola azul



Em (8a), o encontro de duas sílabas, em que a primeira acaba em vogal e a segunda começa por vogal idêntica, provoca a perda do núcleo silábico, portanto da sílaba final da primeira palavra; (8b) a ressilabação ocorre; (8c) o OCP atua: fundem-se as duas vogais; em (8d) uma regra de encurtamento provoca o resultado esperado.

Assim como em (9), nas frases (10 – 12), (16), (19) e (21) percebemos que a vogal média baixa (ɔ) não sofre redução, mantendo uma proeminência do nível da palavra, a qual é representada pelo acento secundário.

Ao observar os dados de Ivan, frases (5) e (6), é possível questionar qual seria a produção dessa criança para a palavra ‘acabou’, se [akabó] ou [kabó]. No caso de ser [kabó], estaria ocorrendo juntura de palavra. No caso de ser [akabó] estaria ocorrendo degeminação. Esta dúvida foi esclarecida por outra produção realizada pela criança, qual seja, [daí akabó], na qual evidencia-se que a criança efetivamente produz a vogal inicial do verbo. Portanto, temos evidência que realmente ocorre degeminação nas frases (5) e (6).

3.1.2 SEQÜÊNCIA VT + VA

Nas frases (26) e (27) temos a aplicação da regra em um contexto opcional, vogal tônica seguida de átona.

Rafaela 4:0

(26) Um sofá azul [um sosàzúw]

(27) Tá acesa [tàséza]

A aplicação da degeminação, nos exemplos acima, resulta em um choque acentual, que pode ser visto em (10b). Uma das estratégias da fala adulta para a resolução de choques é a retração do acento. No entanto, tal estratégia não foi observada em nossos dados.

(10a) Constituintes
sem degeminação

Φ (*)

W(*) (*)

Σ (*) (*)

σ * * * *

sofá azul

(10b) Proeminências
com degeminação

*

* * retração de acento

* * choque

* * *

sofazul

Salientamos que as frases (26) e (27) foram obtidas através do instrumento de pesquisa, não se tratando, portanto, de fala espontânea. A estratégia de resolução de

choques é mais empregada nesse tipo de fala. Em uma fala mais lenta, como a da criança, ocorre a degeminação sem a preocupação com choques. Na fala infantil o choque não tem nenhum efeito.

3.1.3 SEQÜÊNCIA VA + VT

Não tratamos detalhadamente do contexto VA + VT em que o acento da palavra coincide com o acento da frase, como por exemplo na frase, ‘menina alta’, pois não obtivemos dados de degeminação. O mesmo se deu com o contexto VA + VT em que o acento de palavra não coincide com o acento de frase, como por exemplo, ‘tem muita água suja’.

A seguir, passamos à análise fonética de algumas frases.

3.2 ANÁLISE ACÚSTICA

Analisamos sete frases utilizando o programa Praat (Boersma e Weenik, 2007), com o objetivo de medir a duração das vogais envolvidas no contexto.

Na análise acústica, verificamos que as crianças não fizeram pausa entre as frases e que não houve alongamento da vogal resultante da degeminação.

Observamos também que a duração da vogal degeminada é semelhante à de uma vogal átona não-final. Isso mostra que a criança aplica a regra de degeminação como descrita na seção 2.

Ilustramos abaixo a realização de degeminação em duas crianças da amostra.

Nos Gráficos 1 e 2, vemos a duração da vogal degeminada /a/. Observa-se que a duração no Gráfico 1 foi em torno de 1,7 e no Gráfico 2 de 1,3, valores semelhantes aos de uma vogal átona não-final.

Gráfico 1 [gatamarɛla] – Renata

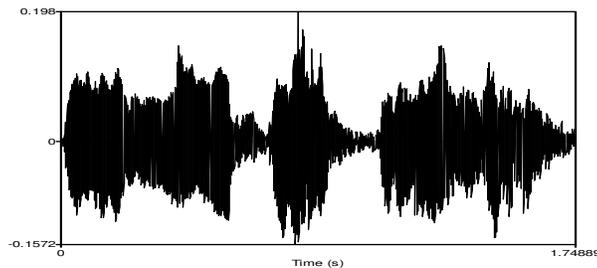
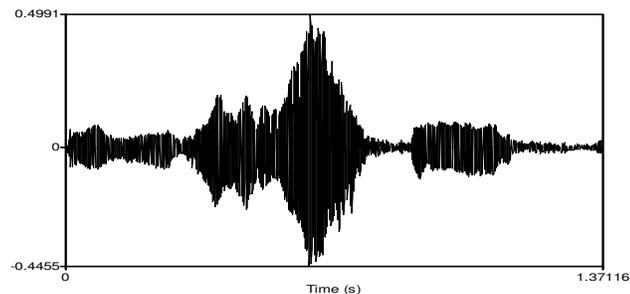


Gráfico 2 – [bɔlazul] – Manuela



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi verificar a aplicação da regra de degeminação por crianças falantes do PB em fase de aquisição de linguagem. Analisamos a realização desse fenômeno em seqüências de vogais átonas seguidas de átonas, tônicas seguidas por átonas e átonas seguidas por tônicas.

Nossos dados, assim como os de Scarpa, apontam que, por volta de 2 anos, as crianças já realizam degeminação. Por outro lado, não temos evidência para dizer se a regra é aplicada de maneira instável. Contudo, observamos que nos contextos VA +VA e VT + VA, as crianças sempre realizaram degeminação.

Diferentemente de Komatsu e Santos (2005) e Santos (2006), não analisamos estágios de aquisição, pois nosso objetivo não era detectar o período de aquisição da regra.

Ao final da análise dos dados, observamos que todas as crianças desta amostra realizaram o fenômeno em estudo sempre que havia contexto de aplicação. Constatamos que as crianças aplicam a degeminação conforme o modelo de fala adulta, isto é, elas não apresentam erros de super ou sub-aplicação da regra conforme apontado por Scarpa (1999) e tampouco aplicam a regra diferentemente do uso adulto (Komatsu e Santos, 2005), visto que suas produções lingüísticas são fiéis ao *input* recebido. Devemos salientar ainda que a aplicação da regra não é categórica, uma vez que sua ocorrência no PB é opcional (Bisol, 1996a, 1996b, 2003). O fato das crianças não aplicarem a degeminação em determinados contextos não pode servir como argumento à hipótese de que as crianças apliquem as regras de forma diferente da do adulto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BISOL, L. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M (org). *Gramática do Português Falado IV: convergências*. Campinas: FAPESP/Unicamp, 1996a.
2. _____. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 104, p. 159-168, jun, 1996b.
3. _____. A sílaba seus constituintes. In: Neves, Maria Helena M. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Unicamp, p. 1-45. v. 7, 1999.
4. _____. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus* v. 15, n.2: 177-200, 2003.
5. CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: Kingston, J.; Beckman, M. (eds). *Papers in Laboratory Phonology I: between the grammar and physics speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 283-333.
6. GALVES, C.; ABAURRE, M. B.; SCARPA, E. A interface fonologia-sintaxe: evidências do português brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. (ed) *Estudos de Prosódia*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.
7. ITO, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Massachussetts: University of Massachussetts, 1986. Tese de (Doutorado).
8. JARDIM-AZAMBUJA, R. *Emergência do léxico inicial e dos contrastes de sonoridade e de ponto de articulação em crianças de 1 a 1:6 no PB*. Tese em

- elaboração (Doutorado em Letras), Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
9. KOMATSU, M; SANTOS, R. S. A variação na aquisição de regras de sândi externo em Português Brasileiro. Manuscrito submetido a *DELTA*, 2005.
 10. McCARTHY, J.J. OCP Effects: Gemination and Antigemination. *Linguistic Inquiry*. Volume 17, no. 2. 1986, p. 207-263.
 11. NESPOR, M. Vowel Deletion in Italian: the organization of the phonological component. *The Linguistic Review*, Amsterdam, v. 7, p.375-398, 1990.
 12. NESPOR, M. *Le Strutture del Linguaggio: Fonologia*. Bologna: Il Mulino, 1993.
 13. NESPOR, M; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
 14. SANTOS, R. S. The acquisition of external sandhi processes and rhythmic optimization in Brazilian Portuguese. Manuscrito submetido a *Language Acquisition*, 2006.
 15. SCARPA, E. Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: LAMPRECHT, R (org) *Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
 16. VIDOR, D. C. *Aquisição do Léxico Inicial por crianças normais falantes do Português Brasileiro*. Tese em elaboração (Doutorado em Letras), Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
 17. YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L.; LAMPRECHT, R. *Avaliação Fonológica da Criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

RESUMO: Neste artigo, investigamos a aplicação de degeminação na fala de 14 crianças da cidade de Porto Alegre/ RS com idades entre 1:6 e 4:0 anos. Verificamos a aplicação da regra de degeminação por essas crianças. Analisamos a realização desse fenômeno em seqüências de vogais átonas seguidas de átonas, tônicas seguidas por átonas e átonas seguidas por tônicas, no âmbito da fonética e da fonologia. A metodologia consiste na audição da fala de oito crianças na faixa etária 1:6 a 2:3 pertencentes aos bancos de dados INIFONO e AQUIFONO do CEAAL da PUCRS e coleta da fala de seis crianças na faixa etária 2:4 a 4:0 através de um instrumento elaborado pelas autoras com base em Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991). Nossos resultados mostram que as crianças, em geral, realizaram o fenômeno em estudo quando houve contexto de aplicação.

PALAVRAS-CHAVE: Degeminação; prosódia; aquisição da linguagem.

ABSTRACT: In this paper, we investigate the application of degemination in the speech of 14 children between the ages of 1:6 to 4:0 years old, from Porto Alegre city, in Rio Grande do Sul. We verify the application of degemination by these children. We analyzed the production of such a rule in the scope of phonology and phonetics, in unstressed vowels followed by other

unstressed vowels, stressed vowels followed by unstressed ones, and unstressed vowels followed by unstressed ones. The methodology used consisted in the listening of the speech of eight children between the ages of 1:6 to 2:3 years old. Such recordings belong to INIFONO e AQUIFONO, part of PUCRS's CEAAL. Furthermore, the speech of six other children, between the ages of 2:4 to 4:0 years old, were analyzed using an instrument created by the authors based upon Yavas, Hernandorena and Lamprecht (1991). Our results point out that children, in general ways, produced such phenomenon whenever the context of application was fulfilled.

KEYWORDS: Degemination; prosody; language acquisition.